

A adaptação às alterações climáticas é, hoje em dia, um tema incontornável na vida de todos nós. No quadro da estratégia 'Europa 2020', trata-se de uma prioridade política e técnica da União Europeia, implicando atuações diferenciadas face às realidades e especificidades de cada Estado-membro.

Portugal, que conta com uma 'Estratégia Nacional de Adaptação às Alterações Climáticas - ENAAC 2020', assumiu neste âmbito três objetivos-chave a prazo: (i) aumentar o nível de conhecimento sobre as alterações climáticas; (ii) preparar e implementar medidas de adaptação; e, (iii) promover a integração de adaptação em políticas territoriais e setoriais.

A Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central, tendo em conta as vulnerabilidades atuais e futuras e os riscos que o Alentejo Central enfrenta, entendeu como prioritário promover a elaboração do 'Plano Intermunicipal de Adaptação às Alterações Climáticas do Alentejo Central', contando para tal com o apoio do Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso de Recursos (PO SEUR), inscrito no quadro de financiamento público PORTUGAL 2020.

www.cimac.pt
piaac-ac@cimac.pt

PROMOTOR



FINANCIAMENTO



PARCEIROS



ADAPTAÇÃO ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS ALENTEJO CENTRAL PLANO INTERMUNICIPAL

FASE 2

IDENTIFICAÇÃO E AVALIAÇÃO DE VULNERABILIDADES FUTURAS

DEZEMBRO 2017



ADAPTAÇÃO ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS ALENTEJO CENTRAL PLANO INTERMUNICIPAL



Esquema conceptual representativo da base metodológica ADAM adaptada à elaboração do PIAAC Alentejo Central

TRABALHO REALIZADO

Etapla 1 Definição de âmbito

- Contextualização temática
- Identificação dos objetivos a alcançar
- Estruturação e organização do plano

Etapla 2 Contextualização climática

- Contextualização climática nacional, regional e subregional

Etapla 3 Cenarização climática

- Contextualização de cenários climáticos subregionais

Etapla 4 Identificação de impactos e avaliação de vulnerabilidades atuais

- Identificação de impactos atuais
- Identificação e avaliação de vulnerabilidades atuais
- Descrição e avaliação da capacidade adaptativa regional

Etapla 5 Identificação de impactos e avaliação de vulnerabilidades futuras

- Identificação de impactos futuros
- Identificação e avaliação de vulnerabilidades futuras
- Hierarquização de prioridades de adaptação

IMPACTOS E VULNERABILIDADES (síntese por setor)

ATUAIS (2000-2017)

117 eventos meteorológicos extremos com 140 impactos no setor (perda de património, não só pela queda de árvores, mas também pela redução e alteração da produtividade nos ecossistemas, nomeadamente através de incêndios, associados a temperatura elevadas).



FUTUROS Impactos positivos diretos

Aumento da área potencial de azinhal.
Diminuição de algumas espécies invasoras (*Acacia dealbata*, *Hakea sericea*).

Impactos negativos diretos

Alteração das potencialidades vegetais do território.
Diminuição da produção de cortiça.
Alteração dos padrões de biodiversidade.
Diminuição da produtividade de culturas agrícolas com maiores necessidades hídricas.
Diminuição da disponibilidade de água em albufeiras.
Diminuição da produtividade de povoamentos florestais (*Eucalyptus spp.* e *Pinus pinaster*).
Diminuição da produtividade piscícola.

331 eventos meteorológicos extremos, dos quais 80% com danos para a saúde são associados a eventos de calor (a onda de calor de 2003 foi responsável por um excesso de mortalidade de 85 pessoas).



Potencial diminuição de doenças associadas ao frio, nomeadamente do aparelho respiratório.
Potencial diminuição do excesso de mortalidade durante o inverno.

Maior ocorrência e intensificação dos danos diretamente associados a eventos meteorológicos extremos (cheias e inundações).
Aumento da morbilidade e da mortalidade associada aos picos de calor.

500 eventos meteorológicos extremos, com 229 impactos registados, nomeadamente precipitação excessiva, temperatura elevada associada a onda de calor e situações de vento forte, por vezes acompanhados de precipitação.



Diminuição dos impactos resultantes de ondas de frio.
Diminuição dos impactos resultantes da ocorrência de geada.

Maior frequência e intensidade de secas.
Aumento da frequência de incêndios e da área ardida.
Aumento da frequência e intensidade de cheias e inundações, com consequente aumento da frequência de movimentos de vertente (Inverno).
Aumento da exposição de pessoas e bens a eventos extremos, com aumento da probabilidade de ocorrência de acidentes, danos materiais e perdas humanas.
Maior ocorrência e intensificação de danos em edifícios e infraestruturas.

IMPACTOS E VULNERABILIDADES (síntese por setor)

ATUAIS (2000-2017)

102 eventos meteorológicos extremos tiveram impactos acumulados significativos na atividade agrícola e florestal (na sua maioria, resultantes de temperaturas elevadas e a períodos cada vez mais prolongados de secas, associados a incêndios em meio rural).

88 impactos sinalizados com 90 ocorrências registadas (perda de significativas áreas de produção agroflorestal e mato).



Maior produção global em alguns sistemas agrícolas (nomeadamente pomares, cereais e vinha), decorrente do aumento projetado da temperatura média mínima – a investigar, testar e confirmar.

Redução de danos na produção agrícola (sobretudo ao nível da horticultura, fruticultura, olivicultura e viticultura) decorrente da diminuição expectável das ocorrências de geada.

Danos e perdas significativas:

- nas culturas temporárias (cereais, pastagens e hortícolas)
- nas culturas permanentes (pomares, olivicultura, viticultura)
- na atividade pecuária, pela redução de efetivos face às potenciais limitações alimentares.

Perda de terrenos com aptidão agrícola.
Erosão dos solos (camada superficial).
Propensão para maior ocorrência de fogos florestais.
Redução da massa florestal e da produção de cortiça.

84 eventos extremos, tendo-se registado 33 impactos.

Os eventos de precipitação excessiva contribuíram em maior escala para a vulnerabilidade no setor, considerando a sua frequência.



Maior ocorrência e intensificação dos danos em estabelecimentos comerciais e de serviços, em edifícios afetos a atividades turísticas e de lazer, e no património edificado.

Potencial redução da importância de produtos turísticos relevantes para a sub-região (*short-breaks*, turismo de natureza, *touring* cultural e paisagístico, circuitos turísticos, gastronomia e enologia e turismo sénior).

474 eventos extremos, com 86 impactos relevantes nos transportes rodoviários (e.g. acidentes, cortes de circulação, danos e/ou alteração na infraestrutura), **ferroviários** (e.g. interrupção da circulação) **e nas redes de comunicações** (e.g. queda de postes).



Menor degradação das infraestruturas rodoviárias pela diminuição de amplitudes térmicas e volumes de precipitação.

Maior risco de incêndio.
Maior necessidade de dotar as infraestruturas de revestimento da camada de desgaste apropriada às condições climáticas (nomeadamente resistente a altas temperaturas).

Do total de 3 eventos extremos, decorreram 4 impactos negativos diretos no setor.

A quebra no fornecimento de energia é a consequência mais comum dos impactos diretos.



Redução das necessidades de energia para aquecimento.
Redução dos danos em infraestruturas de transporte e geração de energia elétrica.

Redução da produção de energia eólica e hidroelétrica.
Aumento dos picos de consumo de eletricidade.
Desequilíbrios entre procura e oferta de eletricidade.
Desequilíbrio entre as necessidades e consumo energético.

75 eventos extremos, com 184 impactos registados, sendo a maioria dos impactos associados a inundações/cheias.



Verificaram-se impactos resultantes das temperaturas elevadas/ondas de calor e períodos de seca extrema e severa sobre a qualidade e disponibilidade dos recursos hídricos.

Maior potencial captação e armazenamento de água, se existirem sistemas eficientes de escoamento associados a uma boa gestão de recursos.

Redução das disponibilidades hídricas.
Diminuição da qualidade da água.
Danos em infraestruturas hidráulicas situadas em zonas de inundações.